



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Psicologia

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

YORRANA MARTINS FERREIRA

**Direitos Humanos na escola: prevenindo o bullying e
buscando o respeito às diferenças**

Brasília – DF

2015

YORRANA MARTINS FERREIRA

**Direitos Humanos na escola: prevenindo o bullying e
buscando o respeito às diferenças**

Monografia apresentada a Universidade de Brasília (UnB) como requisito para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural

Professora Orientadora: Mestra, Fabiany Glaura Alencar E
Barbosa

Brasília – DF

2015

Ferreira, Yorrana Martins. Direitos Humanos na escola: prevenindo o bullying e buscando o respeito às diferenças. / Yorrana Martins Ferreira. – Brasília, 2015.

45 f. : il.

Monografia – Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia - EaD, 2015.

Orientadora: Prof. Mestra, Fabiany Glaura Alencar E Barbosa

1. Bullying 2. Respeito às diferenças 3. Cultural de paz. I. Título.

YORRANA MARTINS FERREIRA

**Direitos Humanos na escola: prevenindo o bullying e
buscando o respeito às diferenças**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural do (a) aluno (a)

Yorrana Martins Ferreira

Mestra, Fabiany Glaura Alencar E Barbosa
Professora-Orientadora

MSc. Eric de Sales
Professor-Examinador

Brasília, 18 de Outubro de 2015

DEDICATÓRIA

Essa pesquisa é dedicada a minha família, que sempre me apoiou nos momentos mais importantes da minha vida. Serei eternamente grata!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por me proporcionar sabedoria, discernimento e saúde para a realização deste trabalho. Segundo, o apoio da minha família: meus pais, Gutembergh e Elizauta; minhas irmãs Sara e Ingrid, sempre incentivando e apoiando nas minhas decisões.

Gostaria de expressar toda a minha gratidão aos meus amigos, que de uma forma direta ou indireta, apoiaram-me com palavras de carinho e de ânimo, e em especial a : Andreza, Amadeu, Sara, Aryanne, Ísis e Dalyla. Vocês foram maravilhosos!

Agradeço também a diretora Ana Paula Ventura e a vice- diretora Ana Paula Augusta, do Centro de Ensino Fundamental 05, que permitiram a realização das ações interventivas. Assim, como também a todos os coordenadores, em especial: a Polini e Suzane que foram super atenciosas e prestativas, para com a realização do projeto. Obrigada!

Presto todo o meu apreço a minha colega de trabalho, a professora Dynna, que foi minha base na elaboração as atividades pedagógicas, com conselhos, dicas, frisando sempre pela realização de um bom trabalho. Serei grata por suas belas palavras! Obrigada!

Agradeço a minha orientadora Fabiany, por ser a minha guia na construção dessa pesquisa. Obrigada pelas correções, sugestões e paciência comigo. Com certeza foi um grande aprendizado, e um crescimento acadêmico significativo em tê-la como professora. Fica o meu respeito e a estima, por sua pessoa. Muito Obrigada!

Não poderia deixar de citar a todos os meus alunos, que me fazem a cada dia ser uma profissional melhor. Aprendo com cada um diariamente. Obrigada!

Aos familiares e amigos, não mencionados, agradeço da mesma forma, pois sei que algum momento foram primordiais nessa fase turbulenta e importante da elaboração da pesquisa. Grata!

“Importante na escola não é só estudar, é também
criar laços de amizade e convivência.”

—Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar o conceito de bullying e apontar as principais consequências de sua prática, perfazendo-se por atividades pedagógicas distintas que possibilitem elucidar essa prática de violência, e reforçar a conscientização para não propagação desse ato nas escolas. Estas atividades visam ainda, ressaltar o respeito às diferenças, sejam elas culturais, religiosas ou sociais. A importância dessa temática no ambiente escolar está ligada ao estudo dos Direitos Humanos como prática, reforçando valores como respeito às diferenças e à diversidade cultural: fonte primordial para a construção de cidadãos. Nesse estudo, serão apresentados os agentes que fazem parte dessa prática de violência como: o agressor, a vítima e o espectador, e serão indicados caminhos para realização de projetos e atividades interdisciplinares na escola com o intuito de construir a cultura de paz. Essa pesquisa é de cunho exploratório e por tanto será oferecida uma visão panorâmica sobre o tema, porém um discurso construído pela experiência e registrado por meio da docência em sala de aula.

Palavras-chave: bullying, escola, diferenças.

RESUME

The aim of this research is to introduce the concept of bullying and show its practice major consequences through pedagogical activities that might explain this practice of violence and reinforce the consciousness of not spreading this act in the schools. These activities still aim to highlight the respect for cultural, religious or social differences. The importance of this theme in the school environment is linked to the study of human rights as a practice, reinforcing values such as respect for differences and cultural diversity: primary source for building citizens. In this research, it will be pointed out the agents of violence practice as the aggressor, the victim and the spectator along the research, and it will be indicated ways to implement interdisciplinary activities and projects in the school intending to build the peace culture. This research is of an exploratory nature, so it offers a panoramic view of the theme and a speech built by an experienced record through teaching in the classroom.

Keywords: bullying, school, differences

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – alunos do 8º ano durante a confecção dos cartazes.....	32
Figura 2 – alunos do 8º ano realizando a atividade.....	32
Figura 3 – alunas do 8º ano realizando a atividade.....	33
Figura 4 –alunos do 8º ano assistindo ao filme.....	33
Figura 5 – aluno do 9º ano assistindo ao vídeo.....	34
Figura 6 – alunas do 9º ano durante a confecção dos cartazes.....	34
Figura 7 – frase elaborada para chamar a atenção dos alunos no mural.	35
Figura 8 – mural pronto.....	35
Figura 9 – mural finalizado.....	36
Figura 10 – um dos trabalhos realizados pelos estudantes..	36
Figura 11– Trabalho realizado por aluna do 8º ano..	37
Figura 12 – a coordenadora Polini representando a escola.....	38
Figura 13 – pesquisadora e a colega de trabalho, professora Dynna, que contribuiu na elaboração das atividades.....	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA- Educação de Jovens e Adultos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

ONU- Organizações das Nações Unidas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1.1- Problematização.....	12
1.2 - Justificativa.....	14
1.3 -Objetivo Geral.....	17
1.4 -Objetivo Específico.....	17
1.5 Metodologia	17
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 - Bullying: em busca de um conceito	20
2.2 - O papel da escola diante das situações de bullying.....	23
2.3 - Direitos Humanos: Educar, faz parte.....	25
3. AÇÕES INTERVENTIVAS.....	28
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO.....	30
5. COMENTÁRIOS FINAIS	40
REFERENCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

1. 1 - Problematização

Ao longo do Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural, foi possível perceber quantas discriminações e preconceitos ainda existem dentro da sociedade, entre os quais o racismo, o de gênero, o social e o *bullying*.

O *bullying* é um termo ainda pouco estudado no Brasil. O termo tem origem inglesa e ainda necessita de um amplo debate, já que não existem trabalhos acadêmicos realizados em grande escala sobre o assunto. A maioria das pesquisas é estrangeira e, por isso, este trabalho tem uma grande relevância dentro da sociedade.

O *bullying* é um ato de violência cometido por estudantes de vários gêneros, idades, raças, etnias e nacionalidades, que ocorre, geralmente, contra colegas que normalmente frequentam a mesma escola.

Essa problemática pode trazer consequências seríssimas para as vítimas, que, por muitas vezes, passam por situações constrangedoras e humilhantes. Normalmente, o *bullying* se apropria de características das pessoas, como: aparência, modo de ser e falar, etnia, classe social, estilo musical, etc. Essas violências podem perturbar o estado psicológico das vítimas e desencadear transtornos difíceis de serem tratados, que, em muitos casos, demoram anos para serem superados.

A pesquisa vem debater o *bullying* no ambiente escolar. Crianças e adolescentes passam um tempo considerável de suas vidas nas instituições escolares. Nesse ambiente, aprendem os saberes elementares para a formação cidadã e convivem com pessoas diferentes, seja por marcas regionais, condições sociais e/ou singularidades físicas. Tais fatores acabam por individualizar as pessoas. Torna-se, portanto, salutar que esse ambiente promova a convivência e o respeito às diferenças, de modo a proporcionar a instrução para a importância das singularidades, promovendo a cultura da paz.

A escola desenvolve integralmente o cidadão. É sabido que a violência está presente nas escolas, sobretudo nas relações de poder entre

alunos. Nesse sentido, a instituição deve auxiliar para que situações de *bullying* sejam evitadas, assim como as situações de extrema violência com as quais, vez ou outra, deparam-se os telespectadores dos noticiários de televisão.

Diante desse cenário, os Direitos Humanos prezam pelo respeito ao ser humano, independentemente de sua cor ou classe social. O homem tem direito a ser livre fisicamente e culturalmente, e reforçar os Direitos Humanos para a inserção da cultura de paz dentro da escola é uma maneira de estar presente nas concepções e práticas pedagógicas da instituição. Nesse sentido, é importante conhecer e colocar em prática os pilares da educação de Delors, que consistem em: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; aprender a viver com os outros; e, por fim, aprender a ser. É fundamental sair do individual para conviver com o coletivo. As relações sociais são complexas porque é necessário exercer aspectos como paciência, solidariedade e humildade. Sair do egocentrismo e do egoísmo para compartilhar e vivenciar é essencial para a boa convivência.

Quando a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão foi assinada – em 26 de agosto de 1789 –, deu-se o primeiro passo para os direitos civis. No século XX, após a Segunda Guerra Mundial, em que milhões de pessoas morreram e tiveram seus lares destruídos, foi proclamada a Declaração dos Direitos Humanos, assinada em 10 de dezembro de 1948, que é uma norma comum a ser seguida por todos os povos e nações. No entanto, o processo de afirmação dos Direitos Humanos ainda é um grande desafio, uma vez que Estados, governos, sociedade e política devem priorizá-lo, sobretudo quando o assunto envolver crianças e adolescentes como sujeitos de direitos.

Os Direitos Humanos dizem respeito ao direito à vida, à liberdade, à liberdade de expressão, ao trabalho, à educação, entre outros. Cabe destacar que todos os Direitos Humanos são universais, indivisíveis e inter-relacionados.

1.2 -Justificativa

O presente trabalho tem como tema “Direitos Humanos na escola: prevenindo o bullying e buscando o respeito às diferenças”. O *bullying* no ambiente escolar tem sido cada vez mais frequente. São inúmeras as situações de prática do *bullying* encontradas na escola, tais como xingamentos, o uso excessivo de apelidos que se refiram às características físicas ou comportamentais dos alunos, bem como perseguições e violências físicas, que, embora ocorram por motivos fúteis e banais, têm grande repercussão na vida estudantil.

No decorrer do curso, foi possível verificar a extrema importância do papel do professor na intervenção dentro da sala de aula, embora, por tantas vezes, passe despercebido ou seja negligenciado pelo próprio educador. O olhar mais atento pode fazer uma grande diferença no processo de tomada de consciência pelos alunos, crianças e adolescentes sobre a valorização do outro, com suas singularidades e diferenças.

Historicamente a diferença tem fomentado as desigualdades e preconceitos. No ambiente escolar, a convivência com a diversidade é a oportunidade de experimentar o respeito à diferença, uma vez que possibilita a promoção de uma igualdade de direitos e da cultura pela paz. Essas diferenças compõem a construção indetitária de crianças e adolescentes.

As situações que hoje são vistas como *bullying* no ambiente escolar foram consideradas comuns por muito tempo, ou eram tidas apenas como brincadeiras entre crianças e adolescentes. No entanto, a concepção atual prima pelo bem-estar do indivíduo, isto é, se qualquer tipo de situação o leva a constrangimento, a sofrimento físico, psicológico, a isolamento, entre outras consequências, ela é considerada *bullying*.

Nesse sentido, é pertinente discutir o papel de cada um dos atores envolvidos na questão, pois professores, gestores, pais e alunos, em alguma medida, estão envolvidos nas situações de *bullying*, seja como vítima, seja por omissão, desconhecimento ou prática. O *bullying* resulta em prejuízos que não ficam restritos somente à escola, mas chegam à sociedade, uma vez que as relações opressoras e humilhantes refletem na construção dos valores e do caráter dos agressores e vítimas, e, como todo

ato tem uma consequência, há impactos em suas vidas, seja no aspecto pessoal, profissional, familiar ou social.

Embora o papel dos professores seja relevante na identificação de situações de *bullying*, ainda são insipientes os treinamentos e capacitações que os habilitem para tanto. Mas, na era digital, que proporciona o compartilhamento rápido de informações, há reportagens e artigos que podem auxiliar os profissionais da educação para um conhecimento mais próximo do problema abordado. Sendo assim, os profissionais devem recorrer a tais meios, mantendo-se atualizados sobre o tema.

Em relação à família, esta deve participar ativamente da vida escolar dos estudantes. Muitos responsáveis não têm curiosidade ou estima em acompanhar os estudos das crianças e adolescentes. Essa omissão, muitas vezes, reflete-se como desinteresse. A escola, por sua vez, tem que ter a iniciativa de realizar projetos e campanhas que estimulem a participação dos pais na vida escolar dos estudantes. Uma boa proposta seria a realização de seminários e palestras para os pais a fim de elucidar o que é o *bullying* e como identificá-lo. A melhor estratégia, sem dúvidas, é manter pais e responsáveis como parceiros da escola, pois, assim, serão capazes de se perceberem como relevantes, não somente no desenvolvimento escolar de seus filhos, mas na sua integração junto a uma comunidade.

Assim, com os atores sociais, cada um, em seu respectivo papel dentro da sociedade, pode ajudar a construir contribuições para eliminar as situações de *bullying* marcadas pelas agressões físicas, verbais e psicológicas, estando a comunidade escolar ativa na prevenção dessa prática.

As crianças que sofrem *bullying* na escola são discriminadas por aspectos físicos, pela maneira de falar e se comportar, ou pelas condições econômicas de cada uma. E qual seria o papel da escola em relação a essas situações? A escola deveria ser um ambiente no qual os alunos aprendessem a conviver com as diferenças culturais, étnicas e sociais, e não ao contrário, servindo de cultivo de preconceitos e violências.

A sociedade tem prezado bastante o “ter” em detrimento do “ser”. O capitalismo consome cada dia mais os seres humanos. As pessoas vivem

uma vida acelerada e conectada, em que as informações chegam em um piscar de olhos, e, com isso, não se tem tempo suficiente para famílias e filhos. Supervalorizam-se os bens materiais, e toda a responsabilidade de educar os filhos é atribuída exclusivamente à escola. Os pais e responsáveis deixam de lado valores afetivos como cooperação, respeito, dignidade, honestidade, que não são repassados para as crianças e adolescentes.

Nesse sentido, salienta-se que proporcionar uma educação digna aos estudantes, com valores e direitos, é um acordo tácito entre Estado, escola e família.

O papel da escola não é ensinar esses valores, mas resgatá-los, valorizá-los, pois precisam ser adquiridos e ensinados dentro da família valores morais e sociais como solidariedade, tolerância, respeito, amizade, honestidade, compaixão e amor. A escola tem o dever de formar cidadãos que saibam quais são os valores morais existentes em sua sociedade, os valores da dignidade humana, os seus direitos e deveres. É no espaço escolar que crianças e adolescentes podem perceber que, embora todos sejam diferentes, essa diferença não deve ser o motor de desigualdades, mas de respeito. Essa cultura é uma construção contínua. Por isso, a participação de pais e responsáveis é essencial para que o resultado seja concreto.

Cabe ressaltar que, ao longo do curso, textos e artigos foram compartilhados com o objetivo de contribuir para a sensibilização e identificação de situações de *bullying* no ambiente escolar. Por meio dessa instrumentalização, o profissional docente amplia seus conhecimentos, habilidades e atitudes na medida em que os emprega em seus ambientes de trabalho, em seu fazer pedagógico. Sobretudo, é o empoderamento dos cidadãos que cotidianamente formam futuros cidadãos.

A presente pesquisa propõe intervenções conjuntas dentro da escola, interdisciplinares e participativas, objetivando identificar o *bullying* entre crianças e adolescentes como uma violência com consequências muitas vezes permanentes para as vítimas.

1.3. Objetivos

1.3.1 - Objetivo Geral

Contribuir na formação dos educandos para que aprendam a conviver com as diferenças mediante a conscientização sobre o tema *bullying* e prevenção dessa prática, disseminando a cultura de paz.

1.3.2 - Objetivos Específicos

- Identificar as características do *bullying* e as consequências para os envolvidos;
- Aplicar atividades em sala de aula voltadas aos alunos para debater sobre a prática de *bullying* e suas consequências;
- Sugerir, aos professores e à direção, ações que visem à inserção do tema prevenção do *bullying*, desenvolvendo atividades interdisciplinares ao longo do ano, com o intuito de disseminar a cultura da paz e respeito às diferenças.

1.4 - Metodologia

Em virtude de o tema *bullying* no ambiente escolar ser pouco estudado, esta pesquisa possui cunho exploratório. Nesse sentido, será oferecida uma visão panorâmica e, para tanto, é importante a revisão bibliográfica dos principais trabalhos publicados sobre o tema. Nesse contexto, será destacado o entendimento de Maria José Martins constante do artigo intitulado “O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados”, bem como de Lia Diskin e Laura Gorresio Roizman, presente em “Paz, como se Faz? Semeando cultura de paz nas escolas”, e de Larissa Medeiros Marinho dos Santos e Gabriela Sousa de Melo Mieto, em “A dimensão e as imagens do outro e do eu nos materiais didáticos”.

Sobretudo, é um discurso construído pela experiência, registrado por meio da docência, dentro da sala de aula, como também serão mantidos os diálogos com os autores supracitados.

A pesquisa também é explicativa, pois foi empregado o cruzamento de estudos publicados em artigos e revistas. A Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, conhecida como o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, possui lugar de destaque neste trabalho, pois permite perceber legalmente o que vem a ser a violação dos direitos de crianças e adolescentes e balizar, juntamente com outros ordenamentos

jurídicos, como a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, a elaboração de ações e projetos que visem à garantia do desenvolvimento integral de crianças e adolescentes.

Nesse sentido, percebe-se o que é uma violação de direito quando se conhece a sua garantia. Desse modo, o ECA assevera, em seu art. 17, que:

O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.¹

Com base nesse conceito de respeito ao direito de crianças e adolescentes, este trabalho é também uma pesquisa-ação que busca a reflexão e a proposta de ações que colaborem para mudanças positivas, no sentido de possibilitar meios para lidar com o tema *bullying* nas escolas.

Considera-se válida a ideia de reprodução de filmes que abordem o tema e mostrem situações parecidas com aquelas com as quais os alunos também se deparam no cotidiano. Os filmes são um excelente material de auxílio pedagógico para iniciar debates e para a realização de trabalhos baseados em abordagens cinematográficas.

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma instituição pública de ensino, local onde a pesquisadora leciona, a saber, Centro de Ensino Fundamental nº 05, localizada na Região Administrativa Sobradinho, Brasília – Distrito Federal. Esse estabelecimento de ensino atende 1.200 alunos nos turnos matutino, vespertino e noturno. No turno matutino, há turmas do 6º e 7º anos. No vespertino, turmas do 8º e 9º anos e de Aceleração, com alunos entre 14 e 16 anos. Por fim, no período noturno, há turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA. A instituição apresenta-se focada na valorização da diversidade cultural e social, prezando sempre pelo melhor aprendizado do aluno. O público alvo são os adolescentes do 8º e do 9º anos, sendo trabalhadas três turmas do 8º e duas turmas do 9º.

A Instituição recebe alunos da sua região, bem como estudantes da área rural, e oferece educação em período integral para as turmas de 6º, 7º, 8º e 9º anos, que ocorre em dias alternados, duas vezes por semana. Assim, algumas turmas têm

¹ BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 27 ago. 2015. Art.17.

aula em período integral na terça-feira e na quinta-feira, e outras na segunda-feira e na quarta-feira.

Nesse cenário, são desenvolvidos projetos culturais e artísticos que estimulam a curiosidade em aprender mais e os aspectos pessoais e sociais dos estudantes. Há, ainda, uma sala de recursos especiais reservada ao atendimento de alunos diagnosticados com algum tipo de dificuldade no aprendizado.

A escola possui uma orientadora educacional muito atuante. A equipe de professores conta com 70 profissionais da educação, 5 coordenadores e 2 supervisores. Na escola há uma biblioteca e uma sala de informática, ambas bastante utilizadas pelos alunos e alunas. Recentemente, iniciou-se o projeto da horta orgânica, por meio do qual os professores adotaram um canteiro e, com a ajuda dos alunos, promoveram a preservação dos vegetais e legumes plantados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao longo do curso foram estudados textos riquíssimos que afirmavam a relevância dos Direitos Humanos para a educação, pois é dentro do ambiente escolar que existem as grandes diversidades culturais e sociais, e a escola é o ambiente que deve destinar prioridade e respeito adequados a elas.

A escola não é somente o local onde os estudantes aprendem os conteúdos curriculares, mas também é o ambiente em que se constroem cidadãos. E a formação dos alunos como pessoas de bem e atuantes na sociedade conta com a participação ativa das famílias.

Assim, o primeiro ponto a ser abordado é a construção da cultura de paz nas escolas. A violência, independentemente da forma em que ela venha a se apresentar, deve ser repudiada. Por isso, conhecer o conceito de *bullying* e saber como este se manifesta é uma forma de dar início à conscientização para a prevenção dessa prática.

2.1 *Bullying*: em busca de um conceito

A infância e a adolescência são fases importantes de qualquer pessoa, pois, por meio delas, é possível adquirir vivência e aprendizado, bem como descobrir um novo mundo, novas percepções e novos sentimentos. Uma pessoa vive grande parte do seu tempo nessa etapa e, conseqüentemente, na escola.

É dentro do ambiente escolar que o estudante se depara com um misto de emoções que vai das alegrias às tristezas, das conquistas às decepções. No referido ambiente também aparecem brincadeiras que muitas vezes se manifestam de maneira maldosa e são identificadas como uma forma de violência. No passado, esse tipo de “brincadeiras” não era levado a sério nas escolas, pois, conforme o pensamento de muitos, era uma prática associada à idade das crianças ou dos adolescentes e era considerada como um “fato normal”.

Porém, nas últimas décadas, o assunto foi ganhando destaque. Como pode ser considerada uma prática normal, se causa sofrimentos físicos e psicológicos e resulta no desconforto e humilhações de suas vítimas?

É cediço que todos aqueles que estudam e convivem em escolas sofrem ou presenciam esse tipo de violência e constatam que não é apenas uma simples brincadeira. Uma criança não vê a real dimensão desse mal. O que adultos e

professores podem fazer para que isso não vire um círculo vicioso? Tal questionamento está presente no cotidiano de professores e pais que se preocupam com o desenvolvimento e bem-estar de crianças e adolescentes, agredidos ou agressores, que não compreendem a dimensão de tais atos de violência.

No corrente ano, no Centro de Ensino Fundamental nº 05, uma aluna chamada Fernanda², 13 anos, que cursava o 8º ano do Ensino Fundamental, sofria *bullying* dos colegas da sala de aula. Tudo indicava que a adolescente sofria de uma enfermidade que não permitia que seus cabelos crescessem e, por isso, a aluna apresentava algumas falhas no couro cabeludo. Os colegas aproveitavam a situação para discriminá-la, e os professores, ao identificarem tais atitudes, comunicaram o fato à coordenação e à orientadora educacional para que fossem chamados os agressores, a vítima e os responsáveis de ambos para a promoção de uma conscientização de que aquelas atitudes não eram aceitáveis.

Após o recesso do meio do ano, a aluna vítima de *bullying* havia sido transferida de escola. A iniciativa da escola de conversar com os envolvidos fez a violência cessar dentro da sala de aula, sob os olhos dos professores, porém, nos corredores e fora da escola, ela havia permanecido. Uma triste realidade que perpassa muitas instituições mundo afora.

Assim, é fato que o *bullying* é uma violência, mas quais são as outras características que definem essa prática? Cleo Fante, grande especialista no tema, afirma que há a repetitividade das ações agressoras e também o prolongamento destas, mas, sobretudo, há relações de poder envolvidas. Sendo assim, pode-se definir o *bullying* como:

[...] é uma forma de violência, gratuita, cruel. Onde os mais fortes convertem os mais fracos em objetos de prazer e diversão. É caracterizada pela violência repetitiva com a mesma vítima num período prolongado de tempo. Onde há um desequilíbrio de poder entre os participantes e onde não há motivo evidente. ³

A violência vem acompanhada do poder que o agressor exerce em relação a sua vítima, promovendo sobre ela, na maioria das vezes, controle, força, e

² Por se tratar de uma aluna menor de idade, e diante da intenção de preservar sua identidade, o seu nome foi alterado.

³ Entrevista de Cleo Fante. **Portal Amazônia Brasil**. Disponível em: <<http://www.amazoniabrasil.com/atuallidades/entrevista-cleo-fante-antropologa-especialista-em-buylling/>>. Acesso em: 27 ago. 2015

regulação, situações supercontroladas que a deixam acuada e coagida. Conforme asseveram Isabela Maria Nunes Ferreirinha e Tânia Regina Raitz (2010):

É pela disciplina que as relações de poder se tornam mais facilmente observáveis, pois é por meio da disciplina que estabelecem as relações: opressor-oprimido, mandante-mandatário, persuasivo-persuadido, e tantas quantas forem as relações que exprimam comando e comandados.⁴

O oprimido não é somente aquele que sofre algum tipo de violência, mas também é aquele que não tem voz ativa em qualquer circunstância da vida. O indivíduo precisa estar atento a tudo ao seu redor e lutar pelos direitos, principalmente em relação a respeito e igualdade. Na perspectiva de entender a opressão que as vítimas do *bullying* sofrem, cabe destacar o entendimento de Paulo Freire, (2005) em “Pedagogia do Oprimido”, que afirma que a sociedade também faz parte dessa opressão, conforme registrou no seguinte trecho: “Quem melhor que os oprimidos se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão?”.⁵

Como bem articulado e lembrado por Raitz e Ferreirinha (2010), que se baseiam nas ideias de Foucault, as relações de poder levam às relações opressoras que Freire cita, uma complementando a outra, e acabam levando essas relações sociais a outro nível, ao ponto de não serem considerados os sentimentos. Sendo assim, as dores não importam para quem está cometendo a violência.

E como saber quem pratica a violência e quem sofre? Santana (2011) identificou os personagens, a saber: o agente (agressor), a vítima, e o espectador. O agressor é definido pelo autor da seguinte maneira:

[...] é o “valentão”, o “chefão”, “líder”. Maltrata, é autoritário e pode ter esses perfis: “durão”, “corajoso”, briguento, ameaçador, cruel, tirano, intimidador, malvado anti-social, mau-caráter, impulsivo, covarde, prepotente, arrogante, desleal, preconceituoso, potencialmente mais forte que a vítima; com baixa resistência às frustrações e com mau comportamento na escola.⁶

A vítima (paciente) é sempre maltratada pelo agente e, na maioria das vezes, é frágil. Apresenta características físicas diferenciadas e pouca habilidade

⁴ FERREIRINHA, Isabela Maria Nunes; RAITZ, Tania Regina. As Relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v44n2/08.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2015.

⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra., 2005, p. 34

⁶ SANTANA, Edésio T. **Bullying & Cyberbullying: agressões presenciais e a distância: o que os educadores e os pais devem saber**. São Paulo: Edicon, 2011, p. 20

para se socializar. O espectador (plateia e testemunha) pode ser: passivo, que fica em silêncio, mesmo não concordando; o neutro, que fica em inércia e não toma nenhum partido da situação; o ativo, que estimula e incentiva a violência; e, por último, o agente, que repreende a prática do *bullying* e incentiva que a vítima denuncie a situação. Dessa forma, Santana (2011) apresenta a dimensão de que, dependendo da situação, há uma grande possibilidade de envolvimento de vários elementos.

2.2 - O papel da escola diante das situações de *bullying*

A escola tem o papel de, entre tantos objetivos, fazer com que o educando possa participar de grupos ativa e afetivamente. A escola também é o palco das interações sociais que fazem parte da construção da identidade do indivíduo.

Nesse sentido, Cantini (2004) ressalta a importância da escola como um espaço de interações sociais e destaca que nas relações humanas existe a exclusão e a seleção, que podem alimentar os preconceitos e as discriminações. Para o autor, “o próprio sistema educacional é baseado na competição, uma vez que se preocupa em ensinar as crianças a ganharem notas em vez de primarem pelo aprendizado”.⁷ A ideia abordada por Cantini (2004) prioriza a relação dos seres humanos entre si, com foco não somente em notas, que são importantes também, mas no aprendizado social e cultural, no qual o respeito é a palavra de ordem.

As primeiras relações sociais têm início no ambiente familiar. A família repassa os valores e as características que acha conveniente. Porém, é de extrema importância que a família ensine as crianças desde cedo a discernirem, por exemplo, o que é certo e o que é errado. Muitas famílias deixam esse papel para a escola, mas o caminho a ser trilhado rumo à formação da educação do estudante deve ser um trabalho conjunto. Se um dos lados deixa de realizar a sua função nesse enredo, os alunos poderão ficar expostos a fatores de risco que levam às vulnerabilidades sociais.

A família, a escola e a comunidade devem, juntas, buscar o enfrentamento ao *bullying*, uma vez que este corresponde a um fenômeno social. É

⁷ CATINI, Nilza. **Problematizando o *Bullying* para a realidade brasileira**. PUC-Campinas, 2004. Tese (doutorado). Centro de Ciências da Vida, Pós-graduação em Psicologia.

nesse sentido que Stefano (2015) sugere que a escola, em parceria com a família, ofereça palestras, gincanas e jogos que favoreçam o envolvimento socioafetivo.

Por ser o *bullying* um fenômeno social, a escola deve agir em parceria com a família com palestras educativas que abordem os efeitos psicológicos e legais, incentivando condutas de solidariedade e de aceitação do próximo. Pode ser feito através de gincanas, jogos cooperativos e dinâmica que envolva os valores socioafetivos.⁸

Prezando ainda pela interatividade social, pela aceitação e pelo respeito ao próximo, cabe destacar a teoria Walloniana, que preceitua que o outro é essencial para a construção do eu, principalmente no desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, momentos em que pais, família e professores são referências para as relações socioafetivas são de extrema relevância.

Certamente o papel da escola no enfrentamento ao *bullying* é salutar, embora essa instituição ainda não esteja suficientemente instrumentalizada. Isso porque, para edificar uma cultura livre dessa prática, é preciso repensar os projetos e ações implementadas nas escolas, inserindo temas transversais que valorizem a cultura da paz, a diversidade e a diferença. Para tanto, o corpo docente, gestores e demais atores devem estar amparados, primeiramente, no campo teórico. Essa é a constatação de Fante e Pedra (2008):

[...] que a maioria das escolas não está preparada para discutir a questão. Educar para a diversidade é dever de todas as instituições de ensino, porém o despreparo de muitos professores e funcionários acaba por prejudicar ainda mais a questão.⁹

Por isso, é importante que haja um trabalho coletivo em nome de um denominador comum: a conscientização de que o *bullying* não é apenas uma brincadeira, mas um mal que afeta muitos.

O conceito de comunidade escolar é definido como o conjunto das pessoas envolvidas diretamente no processo educativo da escola e responsáveis pelo seu êxito; é o corpo social da escola composta por docentes, discentes, outros profissionais da escola e pais ou responsáveis pelos alunos.¹⁰ A participação de

⁸STEFANO, Isa Gabriela de Almeida. *Bullying* na Escola. **Portal Âmbito Jurídico**. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14757>. Acesso em: 13 ago. 2015.

⁹FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. ***Bullying* escolar – Perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 43.

¹⁰ Conceito de comunidade escolar. **Portal Fundação Bunge**. Disponível em: <<http://www.fundacaobunge.org.br/biblioteca-bunge/glossario/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

todos os envolvidos na instituição é essencial para o bom andamento das atividades da escola, e isso inclui a prevenção a qualquer tipo de violência escolar.

A educação é primordial para a prevenção à violência. E o que seria essa educação para a paz? A definição é a seguinte:

A educação para a paz é um processo pelo qual se promovem conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para induzir mudanças de comportamento que possibilitam às crianças, aos jovens e aos adultos a prevenir a violência (tanto em sua manifestação direta, como em sua forma estrutural); resolver conflitos de forma pacífica e criar condições que conduzam à paz (na sua dimensão intrapessoal; interpessoal; ambiental; intergrupar; nacional e/ou internacional).¹¹

E, discutindo os direitos das crianças e adolescentes, não se pode deixar de citar o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que define os direitos da população infanto-juvenil e dispõe sobre a sua proteção:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.¹²

No tocante à prática de *bullying*, cabe ressaltar os tipos de violências que existem e que são praticados contra as crianças e adolescentes. Vicente de Paula Faleiros e Eva Silveira Faleiros (2007) destacam que as crianças são sujeitos de direitos e que a escola, como um agente formador, tem o dever de desconstruir a cultura de inferiorização, seja ela relacionada à classe social, ao racismo ou ao gênero, promovendo uma cultura de paz. Tal perspectiva é assegurada também pelo ECA em seu art. 18: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

2.3 - Direitos Humanos: educar faz parte

A educação em Direitos Humanos tem o intuito de contribuir para o desenvolvimento da condição de vida do indivíduo como cidadão. Com isso, conta-

¹¹ DISKIN, Lia; ROIZMAN, Laura Gorresio. **Paz, como se Faz? Semeando cultura de paz nas escolas**. 4. ed. Brasília: UNESCO, Associação Palas Athena, Fundação Vale, 2008, p. 19.

¹² BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 27 ago. 2015. Art. 4º.

se com a colaboração dos atores do processo educativo, a fim de refletir acerca da realidade sociocultural que se vive e prezar pelo respeito às diferenças culturais e à garantia dos direitos fundamentais para todos.

Todas as áreas do conhecimento têm ensinamentos a respeito dos Direitos Humanos como tema transversal, mas não são suficientes para explicá-los de maneira abrangente, porque seus 'conteúdos' ou 'conhecimentos' tratam da formação pessoal do indivíduo, mas especificamente a respeito do desenvolvimento pessoal de todo um conjunto de crenças, valores e normas morais e éticas compartilhadas nos diferentes contextos socioculturais onde cada indivíduo atua e se desenvolve. Sendo assim, a transversalidade se refere à possibilidade de estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados das diferentes áreas ou disciplinas e as questões da vida real e de sua transformação. A maneira de sistematizar essa transversalidade é incluir o trabalho com os temas transversais na organização curricular, de forma a garantir sua continuidade e aprofundamento.¹³

Para Delors, (1997) a educação surge como um trunfo primordial da humanidade para construção dos ideais da paz, liberdade e justiça social. Ele acredita que a educação tem a capacidade de conduzir o desenvolvimento humano de maneira mais harmoniosa, de modo a fazer recuar, por exemplo, a pobreza e a exclusão social.

A educação do século XXI possui a perspectiva de que se aprende para toda a vida. A educação atual deve se preocupar com a formação do cidadão, não exclusivamente voltada à formação profissional, mas também ao respeito às diferenças culturais e sociais, que devem ser trabalhadas dentro da escola. Para Delors, é preciso compreender melhor o outro para que a educação tradicional seja modificada:

Mas a modificação profunda dos quadros tradicionais da existência humana coloca-nos perante o dever de compreender melhor o outro, de compreender melhor o mundo. Exigências de compreensão mútua, de entreatajuda pacífica e por que não de harmonia são, precisamente, os valores de que o mundo mais carece.¹⁴

Inserir os Direitos Humanos, por meio de debates temáticos, nas escolas, sejam eles relacionados ao racismo, à homofobia, ao preconceito de

¹³ CASTRO, Eder Alonso; GONZÁLEZ, Ália Maria. In: *Curso de Pós-Graduação em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural* Texto: Os Direitos Humanos nas concepções e práticas pedagógicas. Módulo IX. Brasília, Unb: 2015, pg. 2.

¹⁴ DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1997, p. 19.

gênero ou a qualquer outro tema que não respeite as diferenças que existem em sociedade, é um passo importante para conscientizar os alunos sobre o respeito, acima de tudo em relação ao outro, item indispensável a ser considerado na construção do cidadão.

Jacques Delors definiu os pilares da educação como: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Aprender a conhecer, sob a perspectiva da teoria de Delors, não seria apenas saber o que é *bullying*, mas conhecer também o ambiente e as pessoas que fazem parte desse tipo de violência. Compreender a agressão como uma prática invasiva que deixa resquícios, é o primeiro passo para a conscientização acerca do *bullying*. O aprender a conhecer, nesse sentido, não se aplica somente a conceitos relacionados à escola, mas a temas que são aprendidos para toda a vida.

O aprender a fazer é a identificação do *bullying* e a prevenção. É colocar os conceitos em prática com projetos, ações e atitudes que contribuam para a amenização da violência.

O aprender a viver juntos está ligado à convivência com os outros e ao respeito às diferenças culturais e sociais de cada um, de uma forma harmônica, de modo a evitar constrangimento ou humilhação. O viver juntos é a educação da cultura de paz.

O aprender a ser baseia-se na capacidade de criticidade dos cidadãos que possuem opiniões marcantes e conceituadas, não compartilham as injustiças sociais e ajudam a disseminar na sociedade os valores morais, embora estes sejam esquecidos com frequência.

Um pilar está ligado ao outro, pois todos são essenciais e estão presentes no dia a dia e no ambiente escolar, local em que é preciso respeitar as diferenças, pois a educação se apropria do conhecimento do outro em vários ambientes e relembra os conceitos educacionais principais. É imprescindível que, no futuro, o *bullying* possa ser percebido como prática inadequada por todos os agentes da sociedade.

3. Ações interventivas

A cultura de paz nas escolas é um objetivo a ser almejado e alcançado por todos, pois ainda é possível presenciar violências físicas e psicológicas contra crianças e adolescentes no Brasil e no mundo.

Refletindo sobre a relevância da educação como uma forma de transformação social, e não apenas como transmissora dos saberes, foram planejadas ações que possibilitassem aos estudantes a reflexão sobre os prejuízos que a prática de *bullying* acarreta na vida de muitos alunos.

As ações têm como público alvo os alunos das faixas etárias de 12 a 14 anos. Serão 3 turmas de 8º ano e 2 turmas de 9º ano.

As intervenções foram divididas em três partes. A primeira parte foi realizada em uma aula de 50 minutos, na qual inicialmente foi feito o diagnóstico sobre a carga de conhecimentos que os alunos possuíam sobre o *bullying* e por meio do qual se verificou se estes tinham consciência de que algumas práticas entre alunos e alunas pertencem a esse tipo de violência. A partir de então, a aula foi expositiva, e a pesquisadora explanou sobre o tema, propondo um debate sobre situações, perguntando aos alunos se já presenciaram e como foi. Nesse contexto, atuou também como mediadora da construção do conhecimento pelos alunos e alunas.

Depois do debate, foi reproduzida uma música com o videoclipe que relata uma situação em que uma menina sofre *bullying* quando criança. A música chama-se *Who's laughing now?*, da cantora britânica Jessie J. Esperava-se que, após apreciarem a música, os alunos e alunas pudessem expor suas opiniões e interpretações. Ressalta-se que a música foi trabalhada em parceria com a professora de inglês, Dynna, que ajudou na tradução da música junto aos alunos para um melhor entendimento.

A segunda parte foi concluída na segunda semana, em que foram utilizadas três aulas. Na aula dupla, foi reproduzido o filme intitulado "*Bullying: provocações sem limites*", que mostra, de maneira realista, o *bullying* vivenciado e praticado. Um drama espanhol que relata a vida de um jovem chamado Jordi, que, juntamente com sua mãe, tenta recomeçar a vida depois da morte do pai. Porém as perseguições e as provocações que o adolescente sofre do agressor, conhecido

como Nacho, transforma sua vida em um pesadelo. O longa tem duração de 90 minutos.

Partindo da exposição da película e da conscientização sobre a prática do *bullying*, evidenciando as consequências que podem ocorrer na vida de uma vítima, os alunos fizeram trabalhos sobre o tema na aula simples. Foram entregues folhas em branco, cartolinas, jornais e revistas, materiais por meio dos quais puderam expressar, com desenhos, recortes, textos ou palavras soltas, situações referentes ao *bullying*, ressaltando a conscientização para que seja possível evitá-lo. Ao término da terceira parte, os trabalhos foram expostos em murais para que os demais alunos da escola pudessem apreciar as atividades realizadas pelos colegas.

Quadro 1 – Cronograma de desenvolvimento das ações interventivas

Período	Ações
21/09 a 25/09	Aula expositiva sobre o que é <i>bullying</i> e Interpretação sobre a música escolhida.
28/09 a 3/10	Reprodução do filme: <i>Bullying</i> , provocações sem limites. Realização dos trabalhos e montagem dos murais

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

Os alunos com faixa etária entre 12 a 14 anos, do 8º e do 9º anos, respectivamente, foram bastante prestativos e participativos. A primeira impressão que se teve foi a de que eles não estariam empolgados com o tema. Porém, para a surpresa de todos, mostraram-se bastante informados acerca do *bullying*.

Durante os debates nos quais se questionou se eles saberiam explicar o que seria o *bullying*, surgiram respostas bem contextualizadas, maduras e simples, mostrando um grande domínio sobre o tema. Com o decorrer da aula expositiva, ficou perceptível que os estudantes têm a plena consciência de que a prática do *bullying* ocasiona inúmeros malefícios para os que a sofrem. Nesse sentido, Santana enumera as possíveis consequências, entre elas: dificuldade de concentração nas aulas; baixo rendimento escolar; complexo de inferioridade; machucados inexplicáveis; mudança brusca de comportamento; desejo de mudar de escola; baixa autoestima. E, além das consequências citadas, a vítima pode sentir desejo de se vingar, chegar a um homicídio e até mesmo ao suicídio.

Muitos alunos se recordaram da chacina que aconteceu no Rio de Janeiro, na cidade de Realengo, em que 12 crianças foram assassinadas por um jovem que havia sofrido *bullying* em boa parte de sua vida escolar. Outros lembraram que esses fatos acontecem com certa frequência nos Estados Unidos e que viram manchetes de capa nos grandes veículos midiáticos. Foi citada para conhecimento dos alunos a tragédia protagonizada por dois adolescentes, no Colorado – Estados Unidos, que assassinaram 14 pessoas na escola, situação que ficou mundialmente conhecida:

Cidade de Littleton, Colorado- USA- Dayla Klebold e Eric Harris, humilhados e intimidados por dois colegas da Columbine High School, foram á escola armados e assassinaram doze estudantes, uma professora e cometeram suicídio. Essa tragédia ficou mundialmente conhecida, pois além dos noticiários, transformou-se em um filme, documentário, chamado Bowling for Columbine (Tiros em Columbine).¹⁵

Foi possível notar que, durante a reprodução da música e do vídeo, os estudantes se mostraram bastante interessados e, de certa forma, ansiosos para contribuírem com suas opiniões ou vivências. Em vários momentos muitos alunos se

¹⁵ SANTANA, Edésio T. **Bullying & Cyberbullying: agressões presenciais e a distância: o que os educadores e os pais devem saber.** São Paulo: Edicon., 2011, p. 38

manifestaram dizendo que conheciam colegas que haviam passado por situações constrangedoras na escola e que, em muitos casos, a única opção acaba sendo a transferência de instituição. Alguns alunos não tiveram receio em afirmar que, quando menores e frequentadores da educação infantil, sofreram com a prática do *bullying*. Com base nessas afirmações, constata-se que tal prática tem se propagado cada vez mais rápido na educação infantil. Cleo Fante (2008) afirma que:

O *bullying* se propaga cada vez mais na educação infantil e no ensino fundamental. A maioria dos casos ocorre nos primeiros anos escolares, porém a sua intensidade e o agravamento dos episódios aumentaram conforme aumenta o grau de escolaridade.¹⁶

Na reprodução do filme “*Bullying – provocações sem limites*”, a indignação e a revolta dos estudantes decorrentes dos fatos ocorridos na película era notável. Caras e expressões de desaprovação deixaram claro o incômodo de ver uma situação ocorrer e ser impotente diante dela. A percepção que se teve é a de que os alunos se mostraram predispostos a levantar a bandeira para a conscientização acerca dessa prática.

O momento para expressar as opiniões em relação a tudo que havia sido apresentado e discutido foi a elaboração dos cartazes. O capricho, o cuidado e o interesse foram nítidos. Os alunos foram divididos em pequenos grupos que poderiam utilizar jornais, revistas, pincéis e desenhos, e orientados a expressarem-se de acordo com a mensagem principal: a prevenção à prática do *bullying*. A seguir serão expostos alguns registros desse momento:

¹⁶ FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. ***Bullying escolar – perguntas e respostas***. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 46.



Foto 1: alunos do 8º ano durante a confecção dos cartazes.



Foto 2: alunos do 8º ano realizando a atividade.



Foto 3: alunas do 8º ano realizando a atividade.



Foto 4: alunos do 8º ano assistindo ao filme.



Foto 5: alunos do 9º ano assistindo ao vídeo.



Foto 6: alunas do 9º ano durante a confecção dos cartazes.

A montagem do mural com os trabalhos dos alunos foi realizada com muito carinho, pois mostra as atividades dos estudantes e a abordagem do tema para os demais estudantes da escola. A seguir serão expostas fotos referentes ao mural:

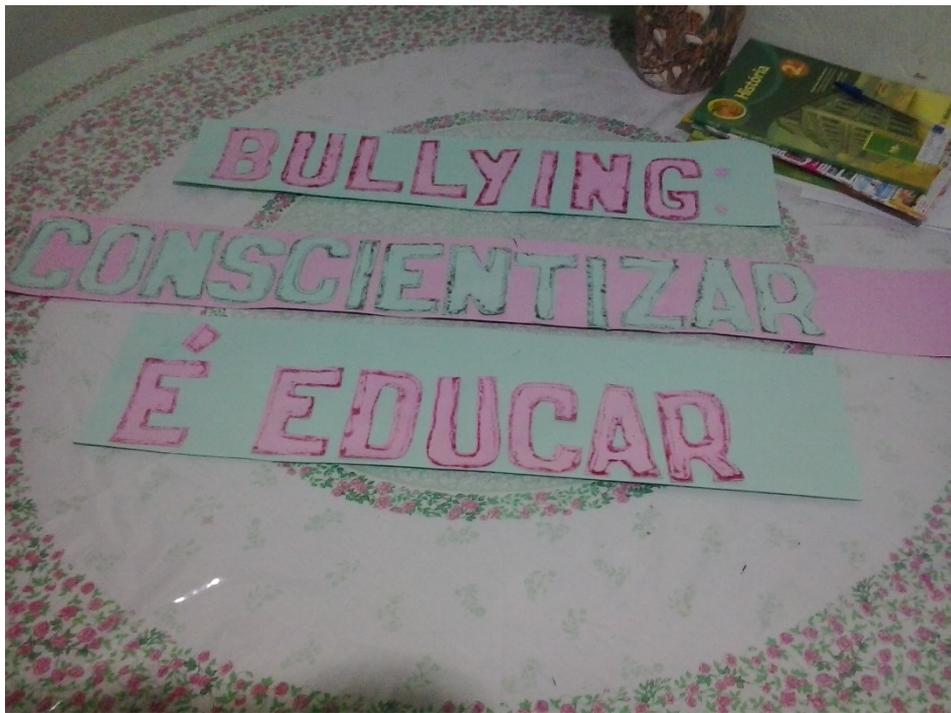


Foto 7: frase elaborada para chamar a atenção dos alunos no mural.



Foto 8: mural pronto.



Foto 9: mural finalizado

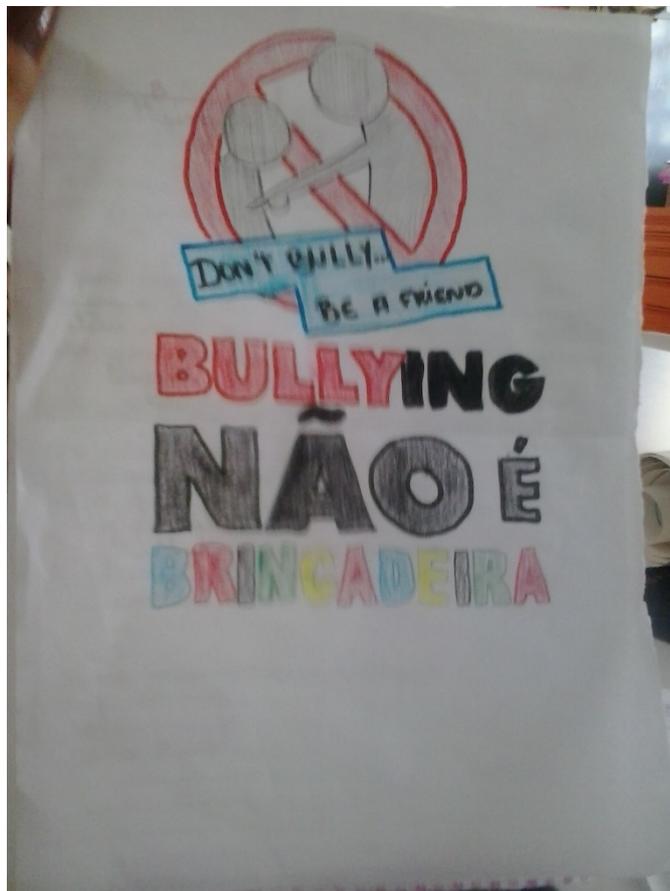


Foto 10: um dos trabalhos realizados pelos estudantes.

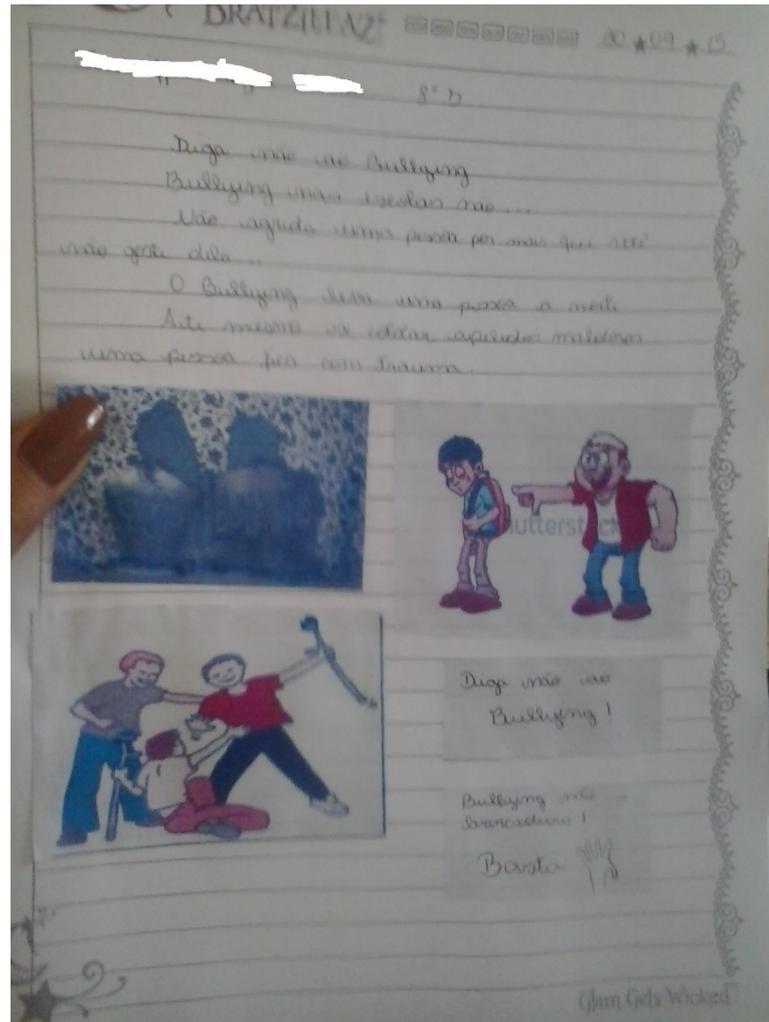


Foto 11: Trabalho realizado por aluna do 8º ano.



Foto 12: a Coordenadora Polini representando a escola.



Foto 13: pesquisadora e a colega de trabalho, professora Dynna, que contribuiu para a elaboração das atividades.

A contribuição da professora de inglês foi essencial para a realização do trabalho. Tal parceria é fundamental para a efetivação de práticas pedagógicas cada vez mais interativas e interdisciplinares, principalmente ao se trabalharem temas transversais visando à aprendizagem eficaz na compreensão da realidade em sua complexidade. Assim, como a escola é o palco do aprendizado, tanto em relação aos conceitos positivos como negativos, é primordial a interação da equipe pedagógica para perpassar por esses momentos da melhor maneira possível.

A participação da comunidade escolar, direção, coordenadores, professores é de extrema importância, pois representa que a escola rejeita qualquer

tipo de violência e está focada na construção de uma cultura de paz. Assim a cultura de paz é definida:

[...] a Paz é definida como um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida que traduzem o respeito à vida, ao ser humano e à sua dignidade, com destaque aos Direitos Humanos e o repúdio à violência em todas as suas formas, bem como a adesão aos princípios da liberdade, justiça, solidariedade, tolerância e compreensão entre os povos e as pessoas (ONU, 1999). A partir dessa definição, podemos dizer que a construção de uma Cultura de Paz se refere a um processo dinâmico e participativo que busca promover o diálogo e a resolução criativa e cooperativa dos conflitos que surgem no decorrer das interações e relações humanas.¹⁷

Elaborando projetos e atividades, a escola trabalha na perspectiva da prevenção da prática do *bullying*, ensinando aos alunos que, da mesma forma como se constrói a cultura da violência, pode-se desconstruí-la, de modo a instigar a cultura de paz. Quando alunos e alunas percebem as consequências graves desses atos que, por muitas vezes, acarretam prejuízos à vida escolar, cria-se um senso crítico útil para avaliarem suas falas, posturas e atitudes diante da diversidade cultural na qual estão inseridos e das diferenças que, afinal, tornam cada indivíduo único. As ações na instituição escolar que frisem essa conscientização podem trazer ambientes mais leves para as relações sociais estudantis.

Nesse sentido, as escolas possuem o papel de formar estudantes que se tornarão pessoas participativas e atuantes na sociedade; cidadãos e cidadãs que, seja qual for a sua profissão, estarão aptos a agir de acordo com os valores da solidariedade, do respeito e da dignidade humana.

¹⁷ CASTRO, Eder Alonso; GONZÁLEZ, Ália Maria. In: *Curso de Pós-Graduação em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural* Texto: Cultura de Paz, Módulo IX. Seção II. UNB, 2015, p. 2.

5. Comentários finais

Uma das maiores dificuldades encontradas para a realização do presente trabalho reside no fato de existir pouca produção acadêmica acerca do tema. Por isso mesmo, este trabalho pode contribuir para o conhecimento sobre o assunto, embora não se tenha a intenção de esgotá-lo. O intuito de conscientizar os alunos e alunas para não realizarem a prática foi alcançado, mesmo que em escala menor, ou seja, cinco turmas de uma unidade escolar no Distrito Federal.

Embora tenha sido um desafio realizar o trabalho, ressalta-se que foi satisfatório perceber que, ao possibilitar o debate com os alunos, foi possível plantar uma semente de conscientização para evitar a prática do *bullying*. Os objetivos propostos foram alcançados, desde a delimitação do conceito sobre *bullying* até a elaboração das atividades, e, o mais importante, foi destacada a importância do respeito às diferenças, sejam elas culturais, sociais ou religiosas.

Mudanças nunca acontecem de um dia para o outro. Sabe-se que é um processo lento e gradual que necessita de apoio, principalmente da instituição escolar, para que os docentes possam realizar com excelência o seu trabalho.

E como essa excelência poderia ser alcançada? Uma das ações pertinentes seria a realização de seminários que elucidem ainda mais o que seja o *bullying* e, no decorrer do ano, a realização de trabalhos e projetos por alunos e professores. Um dia temático para debater o *bullying*, com palestras, seria de extrema importância, embora esse seja um tema que deva ser abordado durante todo o ano letivo, em todas as disciplinas e experiências pedagógicas

A participação de todos da comunidade escolar faz grande diferença para essa conscientização. A escola deve propiciar um desenvolvimento de qualidade positivo para que o estudante possa desenvolver o lado emocional e socioeducacional. Nesse sentido, percebe-se a relevância dessas ações pedagógicas, medidas e projetos que previnam a violência ou o preconceito. Outro ponto importante da conscientização é trazer conhecimento para os espectadores, que são alunos que presenciam a prática de *bullying* e nada fazem para que ocorra mudança. Com a criação de projetos, é relevante também trabalhar com essa visão de mudar o comportamento desses estudantes, para que saiam da zona de conforto e ajudem na prevenção ao *bullying*.

E em relação à família? O que fazer? Antes de mais nada, é imprescindível a presença dos pais e responsáveis na vida escolar dos filhos. O diálogo é sempre bem-vindo. Saber como vivem os estudantes dentro da escola já é um passo importante para saber se existe algo errado, além, claro, de ficar atento ao próprio comportamento do estudante.

Por fim, a cultura de paz é a semente que deve ser cultivada em todas as instituições escolares. Rejeitar a violência, promover o respeito entre os colegas e, principalmente, a diversidade cultural é um passo essencial para a formação dos alunos. E com o *bullying* não é diferente, pois é um tema pouco abordado, porém, faz parte do cotidiano de muitas escolas e tem consequências sérias na vida de crianças e adolescentes. Saber o que é, identificar e conscientizar é papel da comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão**. Niterói: Impetus, 2009.

CASTRO, Eder Alonso; GONZÁLEZ, Ália Maria. In: *Curso de Pós-Graduação em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural* Texto: Os Direitos Humanos nas concepções e práticas pedagógicas. Módulo IX. Texto: Cultura de Paz. Módulo IX, Seção II.. Brasília: UnB, 2015.

CATINI, Nilza. Problematizando o “Bullying” para a realidade brasileira. PUC-Campinas, 2004. Tese (doutorado). Centro de Ciências da Vida, Pós-graduação em Psicologia.

CONSTANTINI A. **Bullying: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens**. São Paulo: Itália Nova, 2004.

CURY, Augusto Jorge. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir**. 2. ed. São Paulo: Cortez;EC: UNESCO, 1997.

DISKIN, Lia; ROIZMAN, Laura Gorresio. **Paz, como se Faz ? Semeando cultura de paz nas escolas**. 4. ed. Brasília: UNESCO, Associação Palas Athena, Fundação Vale, 2008.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar – Perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas: Versus, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GONZÁLEZ, Ália Maria Barrios. Diversidade Cultural e Ambiente Escolar. In: *Curso de Pós-Graduação em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural* Texto: Direitos Humanos, Cultura da Paz e Currículo. Módulo IX. Brasília: UNB, 2015.

MARTINS, M. J. D. (2005). **Agressão e vitimação entre adolescentes em contexto escolar: um estudo empírico**. *Análise Psicológica*, 4(23), 401-425.

_____. **O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados**. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 18, núm. 1, 2005, pp. 93-115. Universidade do Minho Braga, Portugal.

SANTANA, Edésio T. ***Bullying & Cyberbullying***: agressões presenciais e a distância: o que os educadores e os pais devem saber. São Paulo: Edicon, 2011.

SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos; MIETO, Gabriela Sousa de Melo. In: *Curso de Pós-Graduação em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural* Seção II. Texto: A Dimensão e as imagens do outro e do eu nos materiais didáticos. Brasília: UNB, 2015.

Sites

Conceito de comunidade escolar. **Portal Fundação Bunge**. Disponível em: <<http://www.fundacaobunge.org.br/biblioteca-bunge/glossario/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. **Portal DUDH**. Disponível em: <<http://www.dudh.org.br/declaracao/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

Entrevista de Cleo Fante. **Portal Amazônia Brasil**. Disponível em: <<http://www.amazoniabrasil.com/atualidades/entrevista-cleo-fante-antropologa-especialista-em-buylling/>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 27 ago. 2015.

Filme Bullying: Provocações sem limites. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B7QHyQsvvIQ>>. Acesso em: 16 set. 2015.

FERREIRINHA, Isabela Maria Nunes; RAITZ, Tania Reina. As Relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v44n2/08.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2015.

Lei de Diretrizes e bases. **Portal do MEC**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2015.

JESSIE J. *Who's laughing now?*. **Portal Vagalume**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/jessie-j/whos-laughing-now.html>>. Acesso em: 21 set. 2015.

STEFANO, Isa Gabriela de Almeida. Bullying na Escola. **Portal Âmbito Jurídico**. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14757>. Acesso em: 13 ago. 2015